

Entre Cila e Caribdes¹. Hegemonia aliancista e revisionismo lopista A Luta pela Memória

Mário Maestri²

I. A Imposição da Narrativa Aliancista sobre a Guerra no Paraguai

Em 1864 a 1870, a guerra da Tríplice Aliança, maior conflito militar sul-americano, defrontou a República do Paraguai ao Império do Brasil, à Argentina mitrista e, após a derrota do governo oriental, ao Uruguai florista. O conflito determinou profundamente os países beligerantes: consolidou a monarquia, o escravismo e o autoritarismo no Brasil; instaurou o tacão liberal-unitário na Argentina; fez recuar, por décadas, a autonomia oriental. Sobretudo, o conflito arrasou o Paraguai: liquidou com a autonomia de seu importante campesinato e pôs fim à sua independência nacional tendencial. As sequelas da guerra seguem até hoje.³

Após o conflito, a República do Paraguai encontrava-se arrasada, com talvez mais de 25% da população morta em combate, por doenças e fome.⁴ Grande parte dos mortos eram homens, tendo sobrevivido sobretudo crianças e anciões. Ao conflito, seguiu-se importante migração masculina para a Argentina e o Brasil à procura de trabalho, salvo engano ainda não estudada. Dizimada na guerra, a população *chacareira* de raízes hispano-guaranis, esteio do país, foi a principal derrota. Os camponeses perderam o domínio de grande parte das terras que exploravam, já que não possuíam em geral títulos de propriedade. Elas foram privatizadas e vendidas a grandes proprietários.⁵

Foi enorme a hecatombe dos quadros administrativos médios. Em meados de 1866, as escolas foram cerradas, partindo os professores e alunos maiores para a frente de combate, de onde grande parte não retornou. Não poucos sacerdotes, jornalistas, escrivães, etc. morreram combatendo, doentes, de inanição, etc.⁶ Após a conflagração, a administração pública se desorganizou, carente de recurso, sob a rapinagem aliancista e a administração corrupta de governos legionários e pós-legionários. O pagamento da dívida de guerra ameaçava sempre o país.⁷ Por anos, a República do Paraguai se transformou em nação semi-tributária dos Estados brasileiro e argentino.

As primeiras décadas após o conflito se caracterizaram por governos instáveis, por constantes golpes de Estado e revoluções, pela corrupção e crise econômica e social. A narrativa dominante dos vencedores apresentava Solano López como o único responsável pela guerra, acusado também de manter o Paraguai sob governo despótico, como seus antecessores.

¹ Agradecemos a gentil leitura dos historiadores paraguaios Jorge Coronel Prospan e Eduardo Nakayama.

² Mário Maestri, 70, brasileiro e italiano, historiador, é doutor em Ciências Históricas pela Université Catholique de Louvain, Bélgica. Professor jubilado do PPGH da UPF. E-mail. maestri1789@gmail.com

³ MAESTRI, Mário. *Paraguai: a República camponesa. 1810-1865*. Porto Alegre: FCM, 2014; Id. *Mar del Plata: Hegemonia contra Autonomia: Argentina, Brasil, Uruguai. (1810-1864)*. Porto Alegre: FCM Editora, 2016; Idem. *Guerra sem fim: A Tríplice Aliança contra o Paraguai. A campanha ofensiva*. Porto Alegre: FCM Editora; Passo Fundo, PPGH UPF, 2017; Idem. *Guerra Sin Fin: La Tríplice Alianza contra el Paraguay. La Campaña Defensiva. 1866-1870*. Asunción: Intercontinental, 2018.

⁴ Não temos até hoje estimativas fidedignas sobre a população paraguaia ao concluir-se o conflito.

⁵ PASTORE Carlos. *La Lucha por la tierra en el Paraguay: Proceso Histórico y Legislativo*. Montevideo: Antequera, 1949; WARREN, Harris G. *Paraguay y la Triple Alianza: La década de posguerra: 1869-1878*. Asunción: Intercontinental, 2009; ROLÓN, Oscar Bogado. *Sobre cenizas. Construcción de la Segunda República del Paraguay, (1869-1870)*. Asunción: Intercontinental, 2011.

⁶ GAONA, padre Silvio. *El clero en la guerra del 70*. 2 ed. Asunción: Arte, 1961; MAESTRI, M. *Guerra sin fin. [...]*. La Campaña Defensiva. ob.cit. p. 141.

⁷ TORRENTS, Leonardo S. *Dívida e Trophéos Paraguayos: A Propaganda no Brazil*. Rio de Janeiro: Montenegro, 1899.

Propunha-se que a vitória aliancista trouxera a civilização e a democracia ao país. Na nova ordem, as raízes hispano-guaranis populares eram abominadas.⁸

Inventar uma nova nação

Os governos colaboracionistas propuseram a *regeneração* e não a reconstrução do país, através da adoção de liberalismo econômico extremado e do ingresso de capitais e imigrantes estrangeiros. *Regeneração* inspirada no liberalismo portenho. As novas classes políticas radicalizaram a desorganização dos segmentos camponeses. Proibiu-se o uso do guarani paraguaio nas escolas e na administração, apesar de ser o único idioma falado por enorme parte da população. “No se podía hablar guaraní en las escuelas. [...] Aunque relativamente pocos indios guaraníes sobrevivían en la Región Oriental del Paraguay, su idioma seguía siendo el del pueblo. Todos los paraguayos hablaban, incluso los legionarios [...]” Durante a guerra, o guarani imperava como meio de comunicação no exército, como assinalou George Thompson, ao se referir a López: “[...] a los oficiales, a los soldadas, y aún a mí mismo, hablaba siempre en guaraní.”⁹

O Paraguai pós-guerra vivia sob a hegemonia dos capitais e interesses sobretudo da Argentina, da Inglaterra e do Brasil. O frágil Estado liberal-elitista surgido do conflito, sem vínculos reais com a nação desorganizada, se transformou em *locus* de disputa de dois grupos políticos, a grosso modo, os *nacionalistas* e os *portenhistas*, que expressavam os interesses dos vencedores e das classes políticas e proprietárias locais. Os governantes se destacaram pela corrupção, empréstimos fraudulentos, expropriação dos bens públicos, servilismo diante dos vencedores.¹⁰

A agressão aliancista à República do Paraguai e sua *refundação* como nação liberal e semi-tributária foram explicadas como reação ao ataque traiçoeiro de Solano López ao Império do Brasil e à Argentina mitrista, sedento de glória e conquistas. Ele seria o terceiro ditador despótico a governar o país, após José Gaspar de Francia [1813-40] e Carlos Antonio López [1844-62]. Segundo essa versão, a invasão aliancista pretendia apenas depor o ditador terrível e libertar o país. Ela jamais teria sido contra o povo e a nação paraguaia. Essas propostas faziam parte do Tratado [segredo] da Tríplice Aliança, que organizou o esquitejamento da nação paraguaia. Seria luta entre a civilização, dos *aliancistas*, contra a *barbárie* do despotismo paraguaio, afirmava-se. Nos momentos da guerra, o chicote imperava no Brasil escravista e gaúchos e índios eram massacrados na Argentina pelas tropas mitristas.¹¹

Por um lado, a narrativa apologética aliancista escamoteava a vontade de anexação da *provincia paraguaia desgarrada* pelo unitarismo portenho desde os tempos da Revolução de Maio, em 1810. E, por outro, obliterava a disposição hegemônica imperial sobre as repúblicas

⁸ BÁEZ, Cecilio. *La tiranía en el Paraguay: sus causas, caracteres y resultados*. Colección de artículos publicados en “El Civico”. Asunción: El País, 1903; BÁEZ, Cecilio & O’LEARY, Juan E. *Polémica sobre la historia del Paraguay*. 2 ed. Asunción: Tiempo de Historia, 2011.

⁹ WARREN, Harris G. *Paraguay y la Triple Alianza[...]* Ob. cit. p. 250; MELIÀ, Bartomeu. La Guerra Grande y la lengua Guaraní in *Más Allá de la guerra: Aportes para el debate contemporáneo*. Asunción: AGR, 2016; THOMPSON, George. *La Guerra del Paraguay: acompañada de un bosquejo histórico del país. y con notas sobre la ingeniería militar de la guerra por Jorge Thompson, teniente coronel de ingenieros en el ejército del Paraguay, ayudante del presidente López, condecorado con la orden del mérito etc. etc.* Buenos Aires: americana, 1869. p. 383

¹⁰ LEWIS, Paul H. *Partidos políticos y generaciones en Paraguay: 1869-1940*. Asunción: Tiempo de Historia, 2016; ACOSTA, Gustavo. *Posguerra contra la Triple Alianza: aspectos políticos e institucionales (1870-1904)*. Asunción: Servilibro, 2013; DECOUD, Hector Francisco. *Sobre los escombros de la guerra: una década de vida nacional. 1869-1880*. [Edición facsimilar, 1925]. Asunción: Servilibro, 2015.

¹¹ POMER, León. *Cinco años de guerra civil en la Argentina. (1865-1870)*: Buenos Aires: Amorrortu, 1986. 298 p.

uruguaia e paraguaia que ensejara sucessivas ofensivas diplomático-militares sobre o Estado oriental e a fracassada expedição naval imperial contra Asunción de 1854-5.¹²

A Província Desgarrada

A apologia aliancista ignorava sobretudo a intervenção armada imperial, em 1864-1865, apoiada pelo mitrismo, que entregara o governo uruguaio à ditadura florista. Aquela intervenção restabelecera a ordem semi-tributária imposta pelo Império ao Estado oriental, através dos tratados draconianos posteriores à derrota de Oribe e Rosas, em 1851-52. Foi a intervenção armada imperial no Uruguai, em outubro de 1864, que accionara o gatilho do conflito, já que o governo paraguaio exigira respeito pleno à autonomia oriental, garantia de acesso do país ao comércio internacional.¹³

Em 1864-5, a ofensiva do Estado paraguaio no Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Corrientes comprovou a improvisação da campanha; a incapacidade da economia paraguaia de sustentar uma operação militar de vulto; a escassa adesão da população sobretudo rural a uma guerra lutada no exterior, que não lhe dizia respeito.¹⁴ Fracassadas as expedições, as tropas paraguaias retrocederam ao país, em fins de 1865. Então, a guerra assumiu um novo caráter, de defesa da independência nacional. E, como tal, foi abraçada sem condições pelos *chacareros* que intuía defender o que possuíam e haviam conquistado.¹⁵

Após longa campanha, em fins de dezembro de 1868, o exército paraguaio foi destruído em Lomas Valentinas, sendo Asunción semi-deserta ocupada, em janeiro do ano seguinte pelas tropas imperiais. Instituído em 15 de agosto de 1869, um governo colaboracionista (Triunvirato) decretou, dois dias mais tarde, o apoio incondicional aos aliancistas e destituiu Solano López da nacionalidade paraguaia. O *Mariscal* foi declarado igualmente inimigo do género humano e assassino de sua pátria, enquanto comandava na *Cordillera* a resistência derradeira aos invasores. “Art. 1º- El desnaturalizado traidor paraguayo Francisco Solano López queda fuera de la ley, y arrojado para siempre del suelo paraguayo, como asesino de su patria y enemigo del género humano”.¹⁶

Em 22 de julho de 1871, ainda sob ocupação aliancista, a Assembléia Nacional transformou o decreto em lei, que manteve sua vigência por ainda quase setenta anos! Apenas em 1º de março de 1936, após a vitória na Guerra do Chaco, durante a qual a memória da Guerra Grande serviu para galvanizar as tropas paraguaias, formadas em boa parte de camponeses, aquele Decreto/Lei foi revogada pelo coronel Rafael Franco, nos panos de presidência da República. O artigo segundo do Decreto nº 66 rezava: “Declárase Héroe Nacional sin ejemplar al Mariscal Francisco Solano López, inmolado en representación del idealismo paraguayo con sus últimos soldados en la batalla de Cerro Corá, el 1º de marzo de 1870.”¹⁷ Uma derrogação

¹² MAESTRI, MÁRIO. *Mar del Plata*. Ob.cit. p. 147 *et seq.*; TEIXEIRA, Fabiano Barcellos. *A primeira guerra do Paraguai: a expedição naval imperial ao Paraguai de 1854-1855*. Passo Fundo: Méritos, 2012.

¹³ HERRERA, Luis Alberto de. *El drama del 65: la culpa mitrista*. Buenos Aires: Homenaje, 1943; tratados de 1851; MAESTRI, Mário. A intervenção do Brasil no Uruguai e a Guerra do Paraguai: a missão Saraiva. RBHM, Ano V, abril de 2014, Edição 13. academia.edu/10994719/A_Intervenção_do_Brasil_no_Uruguai_e_a_Guerra_do_Paraguai_A_Missão_Saraiva

¹⁴ MAESTRI, Mário. *Guerra sem fim: A Tríplice Aliança contra o Paraguai. A campanha ofensiva*. Ob.cit.; JARDIM, Wagner Cardoso. *Longe da Pátria: A invasão Paraguai do Rio Grande do Sul e a rendição em Uruguaiana (1865)*. Passo Fundo: FCM Editora, 2014; MIRANDA, Orlando de. *O Primeiro Tiro: a ocupação do sul de Mato Grosso na Guerra do Paraguai (1864-1870)*. Porto Alegre: FCM Editora, 2016.

¹⁵ MAESTRI, Mário. *Guerra Sin Fin: La Tríplice Alianza contra el Paraguay. La Campaña Defensiva. 1866-1870*. Ob.cit.

¹⁶ Periódico *La Regeneración*, 5 de setembro de 1869.

¹⁷ El Presidente Provisional de la República en ejercicio de las facultades conferidas por el acta constitucional del Ejército Libertador, DECRETO Nº 66, Asunción, Marzo. 1º de 1936.

parcial da lei fora realizada no segundo semestre de 1926, sob iniciativa de três deputados liberais.

O Único Responsável

Desde a ocupação de Asunción, em janeiro de 1869, as visões dos vencedores sobre a guerra foram impostas aos derrotados, a ferro e fogo, como proposto. Processo apoiado pelos dirigentes da *Legión Paraguaya*, formada por nacionais que haviam combatido o país sob a bandeira argentina e formaram o núcleo central do Triunvirato, o primeiro governo colaboracionista.¹⁸ Por longos anos, o Decreto/lei de 1869-71 sobre o *Mariscal* anatematizou toda reivindicação das razões paraguaias na guerra, da defesa da independência nacional e de denúncia da nova ordem do país.¹⁹

Muito além da ocupação, a hegemonia dos vencedores manteve-se sobre o Paraguai através do direito de intervenção, caso a impagável dívida de guerra não fosse cumprida, sem a licença pertinente. Inicialmente, a disputa entre os Estados imperial e argentino quanto à influência sobre a nação derrotada foi vencida pelo primeiro, mais forte militarmente. A dívida de guerra seria *perdoada* pelo governo uruguaio, em 1885, e apenas durante a II Guerra Mundial, pelos governos argentino [1942] e brasileiro [1943].²⁰

A nova ordem liberal extremada apresentou-se como antídoto ao despotismo francista e lopista, responsabilizados também indiretamente pelo conflito, que iniciara exclusivamente devido às ambições de Solano López, como visto. No Paraguai, não houve, nos primeiros anos, voz dissonante organizada questionando organicamente aquelas interpretações tidas como indiscutíveis, sequer por parte dos militares e administradores do Estado derrotado, desorganizados pela derrota e muito logo incorporados à administração da nova ordem. O que não significava, como veremos, a existência, desde sempre, de substancial oposição sufocada às narrativas aliancistas.

Após Cerro Corá, em 1º de março de 1870, oficiais e administradores aprisionados foram enviados para mais ou menos rápidas estadas no Rio de Janeiro e Buenos Aires, retornando a seguir ao Paraguai, quando quiseram. Reafirmava-se, assim, que a guerra era contra López, executado nas margens do Aquidabán Nigui. Alguns dos destacados aprisionados realizaram atos de constrição, após serem aprisionados, ainda temendo pela vida, ou nos meses e anos seguintes - Isidoro Resquín, Silvano Aveiro, Bernardino Caballero, padre Fidel Maíz etc. Essas declarações foram utilizadas mais tarde contra seus autores, quando participaram da

¹⁸ GODOI, Juan Silvano. *El triunvirato*. Asunción: Sevilibro, 2015; AGUINAGA, Juan B. Gill. *La Asociación Paraguaya en la Guerra de la Triple Alianza*. Asunción: Servilibro, 2011; ARMADANS, Cláudio José Fuentes. *La maldición del legionario: um abordaje desde la historia conceptual de la construcción de un estiga político autoritário en el Paraguay*. 2 ed. Asunción: Tiempo de História, 2018.

¹⁹ Ver, sobre o revisionismo paraguaio: QUEIRÓZ, Silvânia de. *De Volta às Trincheiras: O revisionismo histórico paraguaio e a Guerra contra a Tríplice Aliança (1870-1930)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História,UPF, 2018. [em defesa]

²⁰ TEIXEIRA, Fabiano B. A 'Sacrílega Dívida' da guerra do Paraguai (1894-1913). In: SQUINELO, Ana Paula.. (Org.). *150 anos após - A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. 1ed. Campo Grande: UFMS, 2016, v. 2, p. 339-365.

recuperação histórica de Solano López.²¹ Os auto-de-fé já eram exigidos em 1869, quando López ainda vivia.²²

Todos contra o *Mariscal*

Nesses documentos e nos anos seguintes, em depoimentos, cartas, etc., dignitários civis e militares paraguaios reiteraram a demonização do *Mariscal*, criticando o despotismo proposto do lopismo e enfatizando em geral o heroísmo paraguaio no conflito. O que enaltecia o esforço militar dos aliancistas, com dificuldade em explicar a demora em vencer país de uns 450 mil habitantes e economia rural rústica.²³ A retratação constituía passaporte para a aceitação inevitável, pelos aliancistas, dos membros do antigo Estado na nova administração do país devido à falta de legitimidade dos “legionários”. O liberalismo político era, então, consenso geral entre a nova classe política em organização. A cooptação dos *lopistas* retardaria a produção e influenciaria o sentido de versões opostas às narrativas oficialistas.

No geral, os *lopistas* se organizaram para participar e conquistar o governo na nova ordem e jamais para restaurar a anterior à guerra, quanto ao ordenamento político, social e econômico, naquele então em clara evolução. Após o confronto, a sociedade e o Estado paraguaio conheceram verdadeira refundação e jamais reconstrução, em relação ao passado, como proposto. O jovem engenheiro-militar inglês George Thompson empreendeu a mais célebre e precoce readequação à derrota, após lutar sob as ordens de López com grande destaque e fidelidade. Em 1869, escreveu história sobre o conflito -que ainda não se concluía- simpática à resistência e antipática ao Império, mas fortemente crítica a López. Também ele tentava se *equilibrar* na nova situação, atirando o *Mariscal* aos leões.²⁴

II. Raízes e Nascimento do Revisionismo Histórico no Paraguai

A Batalha no Papel

A imposição da nova ordem liberal extremada, sob a pressão das nações vencedoras, ensejou a hegemonia total inicial do discurso aliancista sobre o conflito. Aquela leitura se constituía como abundante narrativa *historiográfica* já nos momentos finais da guerra, através da pena de ideólogos imperial e argentinos. Militares que haviam disparado das trincheiras aliancistas sobre os *inimigos*, vestiram as vestes de historiadores para seguir o combate, agora no plano das *representações*, produzindo espécie de “Historiografia de trincheira” de escassa fiabilidade, mas ampla circulação.²⁵ A vitória militar devia se completar pelo domínio

²¹ Cf. por exemplo: RESQUÍN, Francisco Isidoro. Declaração do general [...], chefe do Estado Maior do Exército Paraguayo, feita no quartel general do comando em chefe do Exército Brasileiro, na praça de Humaitá, em 20 de março de 1870. *A Reforma: órgão democrático*, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Ano 2, n. 102, 8 de maio de 1870; n. 115, 12 de maio de 1870; n. 106, 13 de maio de 1870.

²² Papeles de López: el Tirano pintado por si mismo. Sus publicaciones. Papeles encontrados en los archivos del Tirano - Tablas de Sangre y copias de todos los documentos y declaraciones importantes de los prisioneros, para el proceso de la tiranía; incluso la de Madame Lasserre. Buenos Aires: Americana, 1871. 166 p.

²³ ZEBALLOS, Estanislao. *Historia de la guerra del Paraguay: relatos y memorias en primera persona*: Fondo Estanislao Zeballos. Buenos Aires: Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto/Ministerio de Cultura de la Nación, 2015. 280 p.

²⁴ THOMPSON, George. *La guerra del Paraguay*. Ob.cit.

²⁵ Cf. entre outros: GAY, João Pedro. *A invasão paraguaia na fronteira brasileira do Uruguai, pelo cônego [...]*. Comentada e editada pelo major Sousa Docca. Porto Alegre: IEL/EST/UCS, 1980 [1865]; TEFFÉ, Almirante Barão de. *A Batalha Naval do Riachuelo*. Contada em carta íntima poucos dias depois desse feito pelo 1º tenente Antônio Luiz Von Hoonholtz. [...] [junho de 1865.] Rio de Janeiro: Garnier, [s.d.]; DIAS, Sátiro de Oliveira. *O Duque de Caxias e a guerra do Paraguay*. Estudo crítico-Histórico. Por [...]. Aluno do 6º ano da faculdade de Medicina e ex-1º cirurgião em comissão do corpo de saúde do exército em operações no

liberal-aliancista da consciência de população paraguaia e das próprias populações das nações vencedoras, que também pagaram um enorme “tributo de sangue” para uma guerra que não lhes dizia também respeito.

No processo de domínio-imposição da memória desempenhou importante papel o confisco dos arquivos paraguaios, sobretudo quando do saque de Perybebuy, terceira capital paraguaia. Na ocasião, o conde d’Eu escreveu que se obtivera “todo o arquivo publico da República do Paraguay até o ano de 1868 [...]”.²⁶ O futuro visconde Rio Branco coordenou a captura e se apoderou daquela documentação para uso pessoal. Mais tarde, ela foi entregue por seu filho ao Estado, constituindo a “Coleção Visconde do Rio Branco” da Biblioteca Nacional, muito pouco utilizada pelos historiadores brasileiros, até os anos recentes. O arquivo retornou ao Paraguai em março de 1980, quando se tratava da Usina Hidroelétrica de Itaipú.²⁷ É difícil aquilatar o atraso determinado à historiografia paraguaia pela detenção esdrúxula dessa documentação por mais de cem anos!

A visão liberal-aliancista do conflito imperou por anos no Paraguai já formalmente autônomo. O que não significa que inexistissem sentimentos opostas a ela, reivindicando em forma ainda inorgânica e confusa as razões nacionais sobre aqueles e outros sucessos, com destaque para o papel histórico de Solano López no conflito, chave mestra da narrativa aliancista, como assinalado. Quando da campanha defensiva, o *Mariscal* fora apresentado como demiurgo da defesa do Paraguai e das Américas. No nadir da resistência, foi definido como espécie de *Cristo do povo paraguaio*.²⁸ Por além de qualquer juízo de valor, ao ser executado em Cerro Corá, Solano López personificava a resistência nacional, como reconheceu o futuro visconde de Rio Branco.

As visões hegemônicas liberal-aliancistas passaram a ser impugnadas, em forma orgânica, a partir dos anos 1890, por movimento historiográfico *revisionista* que, na década seguinte, teve como seu mais destacado paladino o jovem jornalista Juan O’Leary (1879-1969), que defendeu em múltiplos artigos em jornais, conferências, polêmicas e livros as razões paraguaias e o papel demiúrgico de Solano López. A obra máxima produzida por O’Leary foi o livro *El mariscal Solano López*, de 1920, com edição consolidada, de grande repercussão, em 1925.²⁹ O cinquentenário do início da Guerra ensejou violenta polêmica, com livros publicados em favor e contra o Mariscal e o “lopismo”.³⁰ No Brasil, destacaram-se no ataque a Solano López os ideólogos Gustavo Barroso, Lindolfo Collor e Luís Câmara Cascudo.³¹

O’Leary e seus associados empreenderam elogio sem travas do *Mariscal*, apresentado como demiurgo da resistência e possuidor de todas as virtudes. Alguns desses autores apresentaram o Paraguai pré-guerra como verdadeira *terra sem males*, sem pobres, loucos, ladrões,

Paraguay. Bahia: Diário, 1870; COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as Repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Rio de Janeiro: Guimarães, 1870. 4 vol.

²⁶ Comando em chefe de todas as forças brasileiras em operações na republica do Paraguay. Quartel General em Caraguatahy, 3 de Setembro de 1869. Ordens do Dia, 1877, p. 518; *A Reforma*, Rio de Janeiro, 2º de setembro de 1869, ano 1, nº 94, p. 3

²⁷ CANTARINO, Nelson Mendes. Uma visita ao Paraguai sem sair do Brasil. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, p. 87, 15 ago. 2006; Coleção histórica subtraída pelo Império Brasileiro muda de nome. Publicado em 17 de agosto de 2013. <https://paraguaiteete.wordpress.com/2013/08/17/colecao-historica-subtraida-pelo-imperio-brasileiro-muda-de-nome>

²⁸ GODOI, Juan Silvano. *El fusilamiento del Obispo Palacio y los tribunales de sangre de San Fernando*: Documentos históricos. Asunción: El Lector, 1996 p. 73-95; TALAVERA, Natalicio. *Natalicio Talavera*: Poemas y correspondencias. Asunción: Fondec, 2015.

²⁹ O’LEARY, Juan E. *El Mariscal Solano López*. 3 ed. Asunción: Casa America- Moreno Hnos, 1970. 452 p.

³⁰ JUNTA PATRIOTICA. *El Mariscal Francisco Solano López*. [s.l.]: [s.ed.], 1926; GONZÁLEZ, J. Natalicio. *Cincuentenario de Cerro Corá*. Aparece bajo la dirección de. Asunción: La Prensa, 1920. 200 p.

³¹ MAESTRI, Mário. *Dívida e trophéos paraguayos*. A Polêmica entre Republicanos Positivistas e Nacional-patriotas nos anos 1920. Cadernos de Estudos Culturais, UFMS, Campo Grande, v. 3, p. 113-142, 2011.

analfabetos, em acelerado crescimento tecnológico e econômico.³² Ainda que a designação dessa leitura como “*lopismo*” tenha se consagrado, preferimos a proposta de nomeá-la como “*lopismo positivo*”, em oposição à igual explicação, em um sentido negativo, do papel onnipotente do *Mariscal*, pela historiografia liberal-aliancista - “*lopismo negativo*”. Ambas as apresentações do *Mariscal* como fator prometício [positivo e negativo] da resistência lançavam nas sombras o protagonismo e os interesses singulares da população rural naquela epopéia. Ainda hoje o “revisonismo lopista” é objeto de diatribes, sobretudo por ideólogos brasileiros “semi-oficiais”, registrando que a Guerra da Tríplice Aliança segue sendo no Brasil questão de Estado.³³

Revisonismo Paraguai - Uma Operação Fundiária

As historiografias nacional-patrióticas brasileira, argentina e neolegionária explicam comumente o nascimento do “lopismo” como operação para apoiar a reivindicação da legalidade da concessão, nos momentos finais da guerra, por López, de imensos territórios - c. três mil léguas -, a sua companheira, Elisa Lynch, e, portanto, a seus filhos com a mesma. Elas afirmam que Enrique Solano López, o secundogênito do casal, de volta ao país, em 1893, com 35 anos, juntou-se ao Partido Colorado e fundou, em 1890, o *Diário La Patria*, para sustentar os propostos direitos territoriais familiares. Ele teria assoldado o jovem Juan O’Leary para empreender no periódico a campanha que apoiaria a reivindicação. O “*revisonismo paraguaio*”, no geral, e o “*lopista*”, no particular, seriam produto dessa operação fundiária fracassada.

Francisco Doratioto é peremptório: “No final do século XIX [...]. No Paraguai [...] surgiu o revisionismo sobre Solano López” que “passou a ser apresentado como estadista e grande chefe militar. Essa interpretação surgiu por motivos financeiros [...]”. “[...] o intelectual responsável pelo nascimento do revisionismo foi Juan Emiliano O’Leary [...]” Em defesa da tese, o autor cita relatório - logicamente parcial - da Legação do Brasil em Asunción, em 1931: “O senhor O’Leary lançou-se na campanha lopista por interesses inconfessáveis de dinheiro”. A essa proposta juntou-se a de que o “*lopismo positivo*” triunfara, finalmente, devido a sua oficialização por “uma sequência de ditadores” - Rafael Franco (1936-7), Higinio Moringo (1940-8), Alfredo Stroessner (1954-89).³⁴

Efetivamente, nos momentos iniciais, o movimento revisionista paraguaio [lopismo positivo] foi abraçado sobretudo - mas não apenas - pelos oficiais e administradores que participaram da resistência e constituíram o núcleo central da fundação da ANR, a seguir, Partido Colorado. Esse movimento, mais tarde de claro viés nacionalista-autoritário, representante do Estado brasileiro, opunha-se ao legionarismo, organizado no Partido Liberal, simpático ao Estado argentino, mas apoiado, inicialmente, pelo Império. Porém, no Partido Colorado militaram *legionários* e, no Liberal, oficiais lopistas. Juan E. O’Leary foi filiado ao Partido Liberal até inícios do século 19. José Segundo Decoud, liberal e um dos mais destacados legionários, participou com destaque da fundação da ANR e de seus primeiros governos. Quando da fundação do Partido Liberal e da ANR, ambas organizações propunham-se rigidamente liberais, criticando o autoritarismo de Francia e dos López, como vimos.³⁵

³² DOMINGUEZ, Manuel. *El Paraguay: sus grandezas y sus glorias*. Buenos Aires: Ayacucho, 1946.

³³ PEDROSA, J. F. Maya. *O revisionismo histórico brasileiro: uma proposta para discussão*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2008.

³⁴ DORATIOTTO, Francisco F. Monte oliva. *Maldita guerra*. Nova história da guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 86, 19.

³⁵ LEWIS, Paul H. *Partidos políticos y generaciones en Paraguay: 1869-1940*. Asunción: Tiempo de Historia, 2016; PESOA, Manuel. *Orígenes del Partido Liberal paraguayo*. 1870-1887. Asunción: Críterio, 1987; DECOUD, Hector Francisco. *Sobre los escombros de la guerra: una década de vida nacional*. 1869-1880. [Edición facsimilar]. Asunción: Servilibro, 2015.

Assumir a memória da resistência para usá-la política e ideologicamente foi desdobramento natural do Partido Colorado - o que ajuda a compreender o apoio que aquele movimento teve entre as populações rurais. O mais destacado líder do *coloradismo* foi Bernardino Caballero, o principal general lopista a sobreviver à guerra. Foi precisamente ele que, após a confronto, quando presidente (1880-86), privatizou as terras públicas, assentando golpe derradeiro nos *chacareros*, esteio da resistência. Essa medida radicalmente *liberal* foi crítica por políticos *liberais* na oposição. “El caudillo colorado, al rematar las tierras públicas (1883-1885) al capital privado, sentaría las bases para la consolidación del latifundio como clase hegemónica y la desaparición de la pequeña burguesía rural y del campesinato como clase”.³⁶

É compreensível Franco, Moringo e Stroessner perfilharem versões do lopismo positivo para seus projetos políticos, que não tiveram, diga-se de passagem, o mesmo conteúdo. No geral, resgatavam o autoritarismo político das ordens lopista e francista e desconheciam a base plebéia daqueles Estados, com destaque para o primeiro. Com objetivos diametralmente opostos, opositores armados da ditadura strossnista reivindicaram também a memória lopista, batizando colunas guerrilheiras de Ytororó e Mariscal López, a última comandada pelo líder comunista Agapito Valiente, que operou precisamente na *Cordillera*, por longo tempo, nos anos 1960³⁷

Mera Mistificação

A apresentação da gênese do *revisionismo histórico paraguaio*, em bloco, como mera criação para alavancar mega-operação fundiária e, a seguir, a explicação de seu sucesso como devido essencialmente ao apoio de governos ditatoriais, constitui mistificação historiográfica rústica. Um movimento como o “lopismo positivo” que entranhou e transbordou o imaginário e a memória nacional paraguaia exige explicações científicas de suas raízes, constituição, trajetória e sentidos. No frígido dos ovos, as explicações simplórias desse fenômeno complexo apenas reafirmam as velhas interpretações dos vencedores do conflito, quando muito refundidas em linguagem acadêmica - *neolaliancismo*.³⁸

A memória da resistência foi reprimida pela coerção direta a indireta aliancista e legionária. Porém, a derrota; a ocupação; a hecatombe pós-guerra; os governos colaboracionistas; a abjuração dos dignitários paraguaios, etc. não aniquilaram a adesão sobretudo popular à memória da oposição à Tríplice Aliança. Mesmo nos meses finais da guerra, ela mantinha confronto surdo com o novo poder em instauração, tendo, certamente, se servido como principal veículo de expressão a comunicação coloquial em guarani paraguaio.

O historiador estadunidense Harris Warren, propõe, sobre essa questão: “Los lopistas fueron responsables de una exitosa campaña, comenzada incluso antes de la muerte del Mariscal Presidente [...], para rehabilitar la reputación” do mesmo. Nos primórdios da ocupação, já se constituía um “partido lopista” que demoraria, porém, anos para reivindicar abertamente o *Mariscal*. As principais *lopistas* eram *veteranos* e antigos funcionários, como Cândido Bareiro, Bernardino Caballero, Patricio Escobar, Juan Silvano Godoi, os padres Fidel Maíz, Blas Ignacio Duarte e Gerónimo Becchis, que dirigira *El Cabichuí* e *La Estrella*. Em outubro de 1869, *El Pueblo*, jornal *lopista*, pedia a libertação do general Caballero, detido no Brasil.

³⁶ CORONEL, Bernardo. *Breve interpretación marxista de la historia paraguaya*. (1537-2011). Asunción: Arandurá, 2011. p. 109.

³⁷ Id. ib.; CÁCERES, Carlos Pérez. *Dictadura y memoria*. Asunción: Ediciones del Autor, [2017]. p. 25 *et seq.*

³⁸ MAESTRI, Mário. *Restauração*. MAESTRI, Mário. *A Guerra no Papel: História e Historiografia da Guerra no Paraguai (1864-1870)*. Passo Fundo: PPGH-FCM, 2013. p.

Os *lopistas* esforçaram-se para regularizar a situação eclesiástica de Fidel Maíz e elevá-lo a situação de chefe da Igreja paraguaia!³⁹

No pós-guerra, a visão do *mariscal* como demiurgo da resistência foi desdobramento natural do largo apoio que a resistência contou até a sua derrota final. Sentimento que se teria fortalecido entre as classes populares ao viverem o retrocesso geral dos anos de ocupação e da nova ordem liberal. Com o passar dos tempos, consolidou-se o consenso sobre uma vida melhor antes da guerra e a degradação das condições de existência após ela. Já em setembro de 1872, o diplomata imperial Joaquim Azambuja relatava em correspondência oficial que se sentia “el deseo creciente de que el Brasil abandone el territorio paraguay”. Desde no mínimo aquele ano, sobrevieram ataques a civis brasileiros e “enfrentamientos entre los soldados brasileiros y paraguayos, algunos de ellos violentos”. Os choques teriam se agravado em fins de 1874. No interior, brasileiros viam-se agredidos em seus bens e negócios, sem obter reparação, devido à *desordem* da administração do país. Em fins de 1874, o governo impulsionou ampla destituição de estrangeiros empregados em cargos públicos, entre eles, brasileiros.⁴⁰

A recepção acordada a Elisa Lynch, quando de sua estada meteórica em Asunción, em 24 de outubro de 1875, registra a simpatia *lopista* entre a população. Sobre a visita, o citado historiador propõe: “Lejos de ser apedreada, como pretendieron sus enemigos, casi la sofocaron los abrazos de las mujeres que la saludaban con enorme alegría [...]” “Los vendedores de la plaza San Francisco se agolparon alrededor de madame Lynch y la acompañaron a la iglesia de San Roque [...]”. Lynch foi expulsa, com o filho Enrique Solano López, no mesmo dia que desembarcou, por ordens do presidente Juan Bautista Gill, que prometera apoiá-la, devido certamente à pressão da diplomacia do Brasil e dos políticos locais que haviam se apoderado de propriedades suas e de Solano López. A ordem presidencial talvez tenha ido além da expulsão. Elisa Lynch embarcou-se apressadamente, sob a proteção de oficiais ingleses armados, portanto um revólver à mão. Jamais retornaria ao Paraguai.⁴¹

Não temos ainda estudos detidos sobre a evolução das avaliações sobre a guerra, sobre os aliancistas, sobre a ocupação, etc. pelas classes populares paraguaias nos anos imediatamente posteriores ao fim dos últimos combates. Vertida em memória e relatos orais, boa parte dessa tradição popular foi perdida, sobrevivendo ainda parcialmente em relatos familiares, cartas, anedotas, canções, retratos, cultos a objetivos e locais, documentos judiciais, etc. Entretanto, a difícil rerepresentação da guerra em narrativa historiográfica complexa, escrita na ótica das classes plebéias, não tem sua maior dificuldade na escassez de depoimentos populares. Sua maior barreira está na fragilidade social e política das classes trabalhadoras e populares, no passado e no presente, e, portanto, na dificuldade das mesmas em inspirar e sustentar narrativas autônomas suas. Em geral, as interpretações de corte nacional e nacionalistas embaralham os interesses das classes populares com de segmentos sociais não-populares.

Manuais Escolares

Uma das principais meios de formatação da consciência nacional paraguaia no pós-guerra foram os manuais históricos adotados pelas escolas. Em 1879, o engenheiro napolitano Leopoldo Gómez Terán, diretor escolar em Assunção, e o advogado colombiano Próspero

³⁹ Cf. WARREN, Harris G. *Paraguay y la Triple Alianza*. Ob.cit. p. 108, 140 e 259; MAÍZ, Fidel. *Etapas de mi vida*: 3 ed. Asunción: el lector, 1996. 290 p.; GAONA, padre Silvio. *El clero en la guerra del 70*. 2 ed. Asunción: Arte, 1961.

⁴⁰ WARREN, Harris G. *Paraguay y la Triple Alianza*. Ob.cit. p. 279, 235, 320, 322.

⁴¹ Id.ib. p. 353.

Pereira Gamba, ambos residentes no Paraguai, escreveram o *Compendio de Geografía e Historia del Paraguay*, destinado aos alunos da escola superior. O livro conheceu talvez mais de vinte edições de larga tiragem, constituindo a base do ensino no país por longos anos. Ele tecia duras críticas ao despotismo de Francia; elogiava as obras de Carlos Antonio, criticando a ordem autoritária do país; apresentava cronologicamente a guerra, referindo-se aos “fuzilamentos” de parentes e opositores por ordem de Solano López. “Ese exceso de odiosidad sirvió mas bien para empeorar la suerte del Paraguay [...]; pues poniendo en contra del mariscal López la opinión del país [...]”⁴² Na década seguinte, dominaram nas escolas os textos trazidos da Argentina ou escrito no Paraguai, de claro sentido *liberal-aliancista*. Entretanto, em 1880, o coronel Silvestre Aveiro publicou suas breves *Memorias militares, 1864-70*, nas quais refutou as declarações anti-lopistas feitas imediatamente após ser prisioneiro.⁴³

Em 1884, Enrique Alliot apresentou *Elementos de Historia y Geografía*, que retomava as diatribes contra Francia, Carlos Antonio, Solano López, Elisa Lynch.⁴⁴ Em 1886, em uma das primeiras expressões claras - ainda que indireta - de oposição à hegemonia aliancista-legionária, o padre Fidel Maíz, também membro do círculo restrito lopista, escreveu *Pequeña Geografía*: para los niños de la Escuela de Arroyos y Esteros. O ensaio era um claro libelo contra a estrangeirização da educação nas escolas básicas do país e, portanto, um a declaração *nacionalista* de cunho geral, ainda que indireta. O livro contou com o compreensível apoio sobretudo dos membros da futura Asociación Nacional Republicana.⁴⁵

Em 25 de agosto de 1887, na morada do general Bernardino Caballero, reuniu-se forte número de *veteranos* e *ex-administradores* para discutir a fundação da ANR, futuro Partido Colorado. Em 1888-9, registrando a transição de sentimento nacionalista difuso em movimento cultural, ideológico, político, etc., o argentino mitrista Estanislao Zeballos, em visita ao Paraguai, assinalou a presença naquele então de sentimento *lopista*, para ele devido ao *renascimento* de ideias “reacionárias” em defesa do passado *bárbaro*. Ele referiu-se a quadros de *baixa qualidade do mariscal* ornando as paredes de residências onde havia vontade e recurso para essa homenagem.⁴⁶ Salvo engano, não há estudos sobre essas representações pictóricas hagiográficas do *Mariscal* no após-guerra.

Em Buenos Aires, em 1893, no exílio, Juan Silvano Godoi lançou *Monografías históricas*, escrito cinco anos antes, em que apresenta López, por além de seu despotismo, como defensor da “integridade territorial de da patria”. No ensaio *Muerte del Mariscal López*, do mesmo ano, realiza a homenagem ao líder de “resolución inquebrantable”.⁴⁷ Em 1896, durante o governo de Juan Bautista Egusquiza, Enrique Solano López, então Superintendente de Escuelas 1[894-98], patrocinou a edição do manual para o ensino básico do espanhol Manuel Mendoza, *El Lector Paraguayo*, que realizava a apologia da resistência e do *Mariscal*. A publicação foi impedida de ser utilizada nas escolas do país.⁴⁸ Concomitantemente, em

⁴² TERÁN, Leopoldo Gómez de. y GAMBÁ, Próspero Pereira. *Compendio de Geografía e Historia del Paraguay*, Asunción: La Reforma. 1879. p. 166; PAGLIALUNGA, María Viviana de Watzlawik. *Fidel Maíz y su Pequeña Geografía*. Documento de primera mano para el análisis de una ideología pedagógica a fines del siglo XIX. Asunción: Arandurá, [2018]. p.19.

⁴³ AVEIRO, Silvestre. *Memorias militares*. Asunción: El Lector, 1998. 106 p.

⁴⁴ ALLIOT, Enrique. *Elementos de Historia y Geografía*. Asunción: La Democracia, 1884.

⁴⁵ MAÍZ, Fidel. *Pequeña geografía (para los niños de la escuela de Arroyos y Esteros)*. Asunción: edición del autor, 1890; PAGLIALUNGA, María Viviana de Watzlawik *Fidel Maíz y su Pequeña Geografía*. Documento de primera mano para el análisis de una ideología pedagógica a fines del siglo XIX. [no prelo].

⁴⁶ MAESTRI, Mário. Estanislao Zeballos: a história jamais escrita da Guerra da Tríplice Aliança in Revista História: Debates e Tendências – v. 15, n. 2, jul./dez. 2015, p. 350-366.

⁴⁷ GODOI, J. Silvano. *Monografías Históricas*. Buenos Aires: Félix Lajouane, 1893; _____. *El Barón de Río Branco*. Asunción: Talleres Nacionales, 1919. p. 97-138.

⁴⁸ MENDOZA, Manuel de. *El Lector paraguayo*. Asunción: Talleres Nacionales de H. Kraus. 1896.

Madrid, Blás Garay, em viagem oficial, publicou o *Compendio Elemental de Historia del Paraguay*, de longa vida, leitura no geral *equilibrada* sobre Francia, Carlos Antonio, a guerra e Solano López, ao qual não poupa porém críticas pelo autoritarismo.⁴⁹

No final da ocupação militar imperial, o general Francisco Isidoro Resquín escreveu manuscrito claramente *lopista*, publicado, apenas em 1896, a partir de cópias manuscritas do original, feitas eventualmente após sua escritura, em 1875 - *Datos históricos de la guerra del Paraguai contra la Triple Alianza*. “El Mariscal López había jurado a sus conciudadanos de no envilecer el suelo de su nacimiento, cumplió su palabra muriendo de las balas enemigas, defendiendo siempre la preciosa sangre de sus conciudadanos [...]” Um estudo das cópias do original perdido [segundo O’Leary] permitiria avaliar a circulação-recepção dessa defesa precoce das visões paraguaias da guerra.⁵⁰

Em 1897, em Buenos Aires, Silvano Godoi publicou *Últimas Operaciones de Guerra del general José Eduvigis Díaz*, apologia do vencedor de Curupayty, morto pouco tempo após aquela batalha.⁵¹ Em 1894-7, também em Buenos Aires, Juan Crisóstomo Centurión editava, em quatro volumes, suas *Memorias o reminiscencias históricas sobre la guerra del Paraguay*. Tratava-se de história geral da resistência, da qual participara com destaque até Corro Corá. Na obra magnífica, a proposta das razões nacionais e o elogio da resistência são acompanhados de críticas ao despotismo de López. Como seus companheiros, Centurión lançou totalmente sobre o *Mariscal* a responsabilidade pelos julgamentos e execução dos acusados de traição. Sua crítica aos aliancistas é nuançada devido à necessidade de adaptação aos vencedores.⁵² A obra constituía-se a primeira apresentação orgânica e consistente da guerra desde um ponto de vista nacional-paraguaio e um dos seus mais importantes depoimentos.

A Guerra dos Manuais

Em 1898, enfuriou disputa em torno de caderno com a biografia de Solano López. O argentino Francisco Tapia, diretor da Escuela Nacional de Maestros, fundada em 1896, proibiu o uso do caderno e publicou opúsculo sobre a iniciativa promovida por Enrique Solano López - *Tirano arrojado de las escuelas*.⁵³ O argentino, que se opunha igualmente à adoção dos manuais de Mendoza e Blás Garay, *colorados*, polemizou com o último sobre a referência dos textos escolares ao grande conflito. Em 1902, finalmente, o jovem Emiliano O’Leary abriu polêmica, de grande repercussão, com o célebre intelectual paraguaio Cecilio Báez, então liberal-*portenhista*.⁵⁴

A proposta de uma *revisão* geral das narrativas aliancistas hegemônicas do conflito tateava havia longos anos à procura de um grande autor, ao estarem cada vez mais maduras as condições para tal. Centurión, que começara a publicar em 1894 sua grande narrativa sobre a guerra, faleceu em 1909. Por alguns momentos, tudo indicava que a operação historiográfica revisionista seria realizada por Blás Garay, pioneiro na produção no pós-guerra de narrativas

⁴⁹ GARAY, Blas. *Compendio elemental de historia del Paraguay*: 4 ed. Asunción: Imprensa de la escuela militar, 1929.

⁵⁰ RESQUÍN, Francisco Isidoro. *Datos históricos de la guerra del Paraguai contra la Triple Alianza*. Corrientes: Ameríndia, 2008; O’LEARY, J.E. Prólogo. RESQUÍN, F.I. *La guerra del Paraguay contra la Triple Alianza*. Asunción: El Lector, s.d. p. 13.

⁵¹ GODOI, J. Silvano. *Ultimas operaciones de guerra del Jeneral José Eduvigis Díaz*: Vencedor de Curupaitic. Buenos Aires: Felix Lajouane, 1897.

⁵² CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias o reminiscencias históricas sobre la guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Berra, 1894-7. 4 vol.

⁵³ TAPIA, Francisco. *El tirano Francisco Solano López arrojado de las escuelas*. Asunción: Salesiana, 1898.

⁵⁴ PAGLIALUNGA, M. V. de Watzlawik. *De la autonomía a la dependencia*. La educación en paraguay antes y después de la guerra del 70’. Asunción: Servilibro, 2012.

historiográfica preocupadas com os preceitos historiográfico.⁵⁵ Porém, o assassinato do jovem político e jornalista colorado, em 1899, aos 26 anos, ensejou que essa tarefa coubesse sobretudo a Emiliano O’Leary que, aproveitando a disposição de recepção por largo público e as condições político-materiais que se apresentavam, dedicou longos anos à revisão das leituras liberal-aliancistas, em um viés claramente nacional-patriótico! Ainda que preocupado em apoiar-se em fontes escritas e orais, O’Leary jamais se reivindicaria como historiador.⁵⁶

O “revisonismo histórico paraguaio” foi movimento impulsionado pelas contradições popular-nacionais com as apologias liberal-aliancistas sobre o conflito, que se espraiaram às raízes históricas do país, apresentadas como origem do *barbarismo* paraguaio. Uma leitura mais *equilibrada* do passado era também exigida pelo Estado nacional, ao recuperar autonomia mesmo formal diante das nações vitoriosas. Vimos que essa impulsão em favor de revisão histórica, reprimida durante a ocupação, começara a tomar pé em momentos em que Juan O’Leary usava ainda cueiros, anos e anos antes que Enrique Solano López retornasse ao país, em 1893. O filho cadete do *Mariscal* servira no exército ainda menino, tendo assistido, com onze anos, o assassinato de seu irmão mais velho, *Panchito*, em Cerro Corá, em 1º de março de 1870.

Em 1887, fundava-se a Asociación Nacional Republicana, mais tarde, Partido Colorado, cor das camisas dos soldados paraguaios, enquanto as tiveram. A partir de 1920, de orientação nacionalista, conservadora e autoritária, o coloradismo explorou a simpatia das classes plebéias, espinha dorsal da resistência, e influenciou o impulso revisionista em um sentido “nacional-patriótico”, que destacava a ação do *Mariscal* e obscurecia o esforço titânico das classes plebéias. Não sendo o responsável pela gênese do “revisonismo histórico paraguaio”, ele contribuiu para que o movimento não superasse o viés “lopista”, alavancado pela identificação do *Mariscal* com a resistência, por um lado, e por sua demonização aliancista-legionária, por outro.

Portanto, a necessária superação das propostas fantasiosas liberal-aliancistas precoces e tardias sobre as raízes e consolidação do “revisonismo histórico paraguaio” facilita, mas não elucida, o conhecimento do grau de aproximação e desvios deste último em relação à verdade histórica, assim como as influências ideológicas, políticas e sociais que sofreu.

III. Os Múltiplos Sentido da Categoria “Revisionismo Histórico”

O revisonismo histórico

Na acepção que usamos, “revisonismo histórico” constitui proposta de refutação de questões essenciais de narrativas do passado consolidadas. A categoria não abarca, portanto, às propostas de “revisão” de fundo filosófico, econômico ou político e, muito menos, os avanços do conhecimento historiográfico, mesmo em questões centrais e quando superam propostas consolidadas. O primeiro ponto a destacar é que o “revisonismo”, na presente acepção, não é corrente epistemológica.

A historiografia com objetivos científicos esforça-se em reconstituir fatural e sobretudo essencialmente os fatos históricos transcorridos no espaço e no tempo. Ou seja, dizer o que ocorreu e por que ocorreu. Para tal, o historiador serve-se do método de interpretação que abraça para empreender o estudo crítico das fontes históricas que dispõe. Procura, assim,

⁵⁵ PIRIS, Cecilia Silveira. *Historiografía paraguaya*. Epoca independiente. I Parte. Asunción: [edição do autor], 2003. p. 71-7.

⁵⁶ BÁEZ, Cecilio & O’Leary, Juan E. *Polémica sobre la historia del Paraguay*. 2 ed. Asunción: Tiempo de Historia, 2011. 503 p.

aproximação *tendencial* da essência dos sucessos históricos, pois as representações historiográficas e outras são sempre mais pobres que os fatos representados.⁵⁷

Na sociedade de classes, o devir histórico transcorre embalado pelas múltiplas contradições ensejadas pelas oposições [inconsciente, consciente e semi-consciente] entre opressores e oprimidos, no contexto das forças produtivas materiais dadas. A historiografia é instrumento poderoso da construção das representações factuais e categoriais da realidade histórica objetiva. Ao mesmo tempo, ela constitui momento permanente da disputa entre as classes, mesmo quando seus produtores - os historiadores - não tenham consciência ou neguem esse fenômeno. Não há historiografia neutra.⁵⁸

O conhecimento, a ignorância, a mistificação, etc. dos fatos, sentidos e processos históricos contribuem ao avanço, impasse ou retrocesso do nível de consciência social. As visões do passado servem como modelos explicativos dos sucessos do presente, possuindo alto poder performativo. A prática historiográfica é determinada pelos interesses sociais que se esforçam em velar ou desvelar os sentidos dos fatos históricos, segundo seus interesses. O domínio das representações do passado é forma de controle do presente. Em forma lata, o avanço do conhecimento histórico dá-se quando é determinado pelas forças sociais interessadas no desvelamento radical dos fatos e de seus sentidos, em geral para melhor compreender e fazer avançar socialmente o presente.⁵⁹

Momentos de aceleração dos processos sócio-histórico, como a Revolução Francesa [1789], fortalecem as visões racionalistas de mundo e os avanços historiográficos.⁶⁰ Momentos de regressão, como os vividos atualmente no Brasil e no Mundo, consolidam a hegemonia das concepções irracionais e obscurecem a compreensão do passado.⁶¹ As lutas e conquistas sociais impulsionam a produção e legitimação das leituras críticas do passado, sempre antagônicas às dominantes, próprias às classes exploradoras. Por múltiplas mediações, a luta social expressa e determina a historiografia. Em verdade, interpretações do passado *lutam* para legitimarem-se e alcançar poder performativo, apoiadas na força e na organização das classes sociais interessadas ou opostas ao descobrimento essencial do passado.

Ninguém ama Robespierre

Na França pós-1789, surgiram e se consolidaram leituras sobre a Grande Revolução [1789] de cunho *nacional, aristocrático, plebeu etc., impulsionadas* pelas forças política republicana-burguesa, conservadora, populares-agrícolas, proletária, etc., em permanente disputa. Os próprios símbolos comemorativos daqueles sucessos foram e são objetos desse confronto político, ideológico e social. Em 2011, vereador comunista foi derrotado na proposta de batizar como Maximillian Robespierre rua da capital francesa. Em 1950, anulou-se a decisão de ar o mesmo nome uma praça de Paris. Salvo engano, a capital francesa segue sem homenagem ao mais conhecido líder da Grande Revolução.⁶² Ao contrário, a cidade de Roma, onde o PCI e o movimento operário mantiveram por décadas forte influência política, possui sua “via Lenin” [CEP 00149]

⁵⁷ LENIN. *Materialismo ed empiriocriticismo*: Note critiche su una filosofia reazionario. Roma: Nuove Deizione Operaie, 1978; LÖWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

⁵⁸ MARX, C. *Las luchas de clase en Francia de 1848-1850*. 3 ed. Buenos Aires: Anteo, 1973; PLEKANOV. *A concepção materialista da história*. Rio de Janeiro: Ed grupo verdade, 1931.

⁵⁹ LUKÁCS, Georg. *Histoire et conscience de classe*. Paris : Minuit, 1960. 381 p.

⁶⁰ KROPOTKIN, Petr. *La grande rivoluzione: 1789-1793*. Catania: Ed Anarchismo, 1987. 400 pp

⁶¹ LUKÁCS, Gyorgy. *La distruzione della ragione*. Vol. I eII. Torino: Giulio Einaud, 1959.

⁶² Pas de rue Robespierre à Paris - Le Figaro. <http://www.lefigaro.fr/flash-actu/2011/06/20/97001-20110620FILWWW00749-pas-de-rue-robepierre-a-paris.php>

Em Porto Alegre, vereadores e a Justiça se desdobraram para não deixar retirar de avenida da capital o nome de Castelo Branco, o primeiro ditador-presidente após o golpe militar de 1964. À sua vez, a historiografia conservadora se esforça em apresentá-lo - assim como outros ditadores - como “equilibrado”, “comedido”, “democrata”, etc., atirando para debaixo do tapete o balde de maldades que despejou sobre o país e sua população.⁶³ Em 2 de outubro de 2018, Dias Toffoli, advogado obscuro entronizado no STF pelo PT a quem servira como advogado durante os anos 1993-4 e 1995-2000, em despuddorada metamorfose camaleônica, afirmou publicamente que a derrubada em 1964 da ordem constitucional deveria ser definida como “movimento de 1964” e não como “golpe militar” ou “ditadura”. Apoiou seu *acomodamento* em propostas historiográficas de autores brasileiros que empreendem *revisão* da história do período ditatorial.⁶⁴

O processo de revisão historiográfica (“revisionismo histórico”) constitui proposta de releitura essencial de narrativas hegemônicas ou fortemente consolidadas a partir de novas interpretações ou fontes. Não raro, as revisões de viés conservador se apresentam produto do conhecimento de novas fontes, escamoteando assim a instância subjetiva (interpretação) de suas propostas, que comumente afirmam não o terem. O “revisionismo historiográfico” tem a *cor* de suas propostas e narrativas. Ele pode ser progressista ou regressista, avançando ou regredindo o conhecimento tendencial dos fatos históricos.

Foi denominado de “negacionismo historiográfico” o revisionismo que *negou* ou *minimizou* o extermínio multitudinário de judeus, comunistas, ciganos, homossexuais, etc. pelo nazismo na II Guerra Mundial. Sua denominação deve-se ao “consenso geral” sobre aqueles sucessos. Ele “negaria” portanto realidade objetiva reconhecida. Na França, negar o “holocausto” é crime. Porém, não o é negar-minimizar o massacre de argelinos durante a guerra de independência, pelo Estado francês, que apenas agora reconhece aqueles sucessos timidamente. Entretanto, eles não tiveram menor materialidade *explícita* do que o extermínio promovido pelo nacional-socialismo. O caráter explícito e patente de um fato histórico não o transforma em verdade histórica, sobretudo quando forças sociais poderosas apoiam sua negação. No geral, a historiografia dominante é sempre a da classe dominante.

A Revolução Está Morta

Aproveitando o transcurso do II Centenário da Revolução Francesa, em 1989, articulou-se ambicioso movimento de revisão das interpretações marxistas, republicanas, etc. daqueles sucessos de transcendência, fortemente responsáveis pelo nascimento da historiografia moderna, para apresentá-los como meros tempos do domínio da barbárie. Esse movimento pseudo-historiográfico foi poderosamente impulsionado pela maré conservadora que se abateu sobre o mundo, no contexto da restauração capitalistas nos antigos Estados de economia nacionalizada e planejada, em inícios dos anos 1990. Essa produção de caráter panfletário alcançou enorme repercussão devido ao apoio incondicional dos grandes meios de comunicação, principais editoras, centros estatais etc. responsáveis pela hecatombe histórica maior, a gênese do socialismo e do comunismo, ao qual dedicou-se, igualmente, operação revisionista de igual desenvoltura.⁶⁵

⁶³ CALIL, Gilberto. Elio Gaspari e a ditadura brasileira: uma interpretação revisionista. SENA, Z.C. da *et ali. Contribuição à crítica da historiografia revisionista*. Rio de Janeiro: Consequência, 2017. p. 79-112.

⁶⁴ Cf. por exemplo: MAESTRI, Mário. O homem que encurtou a ditadura no Brasil. 4 de maio de 2017. Marxismo21. <https://marxismo21.org/o-homem-que-encurtou-a-ditadura-brasileira/>

⁶⁵ MAESTRI, Mário. Paulo Coelho, Paul Vayne, François Furet, Stéphane Courtois: le même combat! Irracionalismo, literatura e historiografia na 'pós-modernidade'. Revista História: Debates e Tendências, PPGH UPF, Passo Fundo - RS, v. 2, n.1, p. 85-114, 1999.

Não houve limites para as sandices proposta na época. “Para François Furet – personagem de destaque da Escola dos *Annales* –. O Terror Revolucionário Francês constituiria um ‘primeiro passo em direção ao Gulag’ soviético. Para Pierre Chaunu, triste epígono de Marc Bloch, 1789--99 seria ‘o decênio mais negro’ da história francesa. Estes e outros pensadores não pouparam argumentos contra a Revolução: Robespierre seria uma espécie de Hitler; 1789, o ‘primeiro genocídio ideológico’ da Europa; existiriam ‘germes de stalinismo nos jacobinos’”. Nessa espiral de incongruências historiográficas anacrônicas, terminou--se afirmando que o ‘terror nuclear’ seria ‘a consequência de uma nova linguagem retórica inventada por homens de letras frustrados como Robespierre e Saint--Just’ e que a luta contra a reação na Vendéia teria constituído um verdadeiro ‘genocídio’. O revisionismo historiográfico irracionalista sobre a Revolução Francesa tinha como grande objetivo impugnar o caráter historicamente progressista da Revolução Russa, no particular, e o próprio princípio da revolução social em geral

Aproveitando-se o momento de triunfo do neoliberalismo e a campanha historiográfica revisionista e irracionalista sobre da Revolução Francesa, lançou-se livro coletivo, publicado na França, de mais de oitocentas páginas, como vanguarda de operação histórico-midiática de envergadura mundial que objetivava impugnar todas as revoluções socialistas.⁶⁶ Resenhas e artigos elogiosos apareceram em praticamente todos os grandes jornais e redes televisivas do mundo. O livro fora escrito em três anos, a toque de caixa, para ser lançado em 1997, quando dos oitenta anos da Revolução Russa.

O livro não foi apresentado por François Furet, o *verdugo* de 1789, apenas devido à morte do *negacionista* do caráter historicamente progressista da Revolução Francesa. O livro pretendia realizar um implacável balanço do resultado do movimento socialista, no século XX, pondo definitivamente fim à própria idéia de revolução e transformação social, consolidada, como vimos, em 1789. Devido ao caráter político-ideológico da operação, que alcançou grande sucesso, pouco importava o caráter farsesco, logo reconhecido, da totalidade das propostas dos treze autores do livro.⁶⁷

Revisionismo Argentino

Na Argentina, o revisionismo histórico constituiu-se questionando a historiografia nacional-portenha “unitária”, em geral, e o papel histórico de Juan Manuel de Rosas, em especial, em boa parte a partir do resgate de narrativas históricas *provinciais* “federalistas”. As revisões das historiografias nacional, unitária e liberal foram variadas e não raro contraditórias. A monumental obra de Adolfo Saldías [1849-1914], o primeiro grande autor revisionista argentino, contemporâneo de Mitre, foi silenciada, devido à falta de força social que a legitimasse, diante da hegemonia liberal-unitária.⁶⁸ Mais sucesso teve o revisionismo clerical-conservador, que resgatou Rosas, defensor do catolicismo, contra o liberalismo laico portenho.⁶⁹

O revisionismo de viés populista [autoritário, progressista, etc.] foi impulsionado pelo peronismo, mantendo-se ainda hoje muito dinâmico.⁷⁰ Nos anos 1950, com a consolidação da

⁶⁶ COURTOIS, Stéphane. (Org.) *Le livre noir du communisme : crimes, terreur, répression*. Paris: Robert Laffont, 1997.

⁶⁷ MAESTRI, MÁRIO. Paulo Coelho, Paul Vayne [...]. Ob.cit.

⁶⁸ Cf. SALDÍAS, Adolfo. *Historia de la Confederación Argentina, 1881-1883*. 8 v.; *História de Rosas*. 1887. 3. v.

⁶⁹ O'DONNELL, Pancho. [Ed.] *El revisionismo nacional, popular y federalista*. Buenos Aires: Ariel, 2012; DUHALDE, Eduardo Luiz. *Contra Mitre: Los intelectuales y el poder, de Caseros al 80*. Argentina: Punto Crítico, 2005.

⁷⁰ ROSA, José María. *Historia del Revisionismo y otros ensayos*. Buenos Aires: Merlín, 1968; _____. *La guerra del Paraguay y las montoneras argentinas*. 3 ed. Buenos Aires: Peña Lillo, 1968 CHUMBITA, HUGO. *História*

industrialização e do movimento operário argentinos, pensadores marxistas como Milcíades Peña, Enrique Riveros, etc. empreenderam movimentos revisionistas da historiografia tradicional, divergindo das narrativas liberal-unitária, clerical-conservadora e populistas-revisionista. Em geral, no revisionismo argentino, a Guerra da Tríplice Aliança desempenha um papel significativo.⁷¹

O melhor do pior, o pior do melhor

Não podemos igualar a historiografia liberal-aliancista, do passado e do presente, às diversas revisões lopistas. Mais ou menos refinadas, as narrativas aliancistas ou neoaliancistas defendem uma agressão imperialista a uma nação e a um povo, enquanto as leituras revisionistas lopistas se antepuseram àquelas narrativas apologéticas, com maior ou menor sucesso, com maior ou menor valor científico. Nas mais grosseiras leituras revisionistas há porém uma tênue aproximação à verdade histórica que as avançam em relação às mais refinadas interpretações acadêmicas neoaliancistas, centradas precisamente na negação da essência dos fenômenos em discussão. A narrativa jornalista de J.J. Chiavenato, com inúmeros tropeços factuais e interpretativos, escrita à margem dos preceitos da historiografia científica, revela sinteticamente mais sobre a essência daqueles sucessos que um trabalho acadêmico como o de Francisco Doratioto, ainda que este último apresente novos dados, fontes, bibliografia, etc.⁷²

Por razões históricas, políticas e epistemológicas, apresentadas sumariamente neste artigo, o “revisionismo histórico paraguaio” dominante assumiu um caráter fortemente “lopista”. Como também proposto, tal viés interpretativo obscureceu fortemente o papel central das classes populares como fator *prometéico* da resistência. O “lopismo positivo” avançou igualmente a hecatombe demográfica e a perda dos territórios em litígio como as piores sequelas da derrota, minimizando ou obliterando a desorganização das classes *chacareras*, esteio histórico da nação paraguaia, devido a sua dizimação na resistência e à perda das terras que explorava após o conflito. Em geral, aquela narrativa pouca ou nenhuma atenção deu ao sentido profundo da defecção das classes dominantes paraguaias em relação à luta contra o invasor, nos tempos finais do conflito, etc.

Impõe-se, portanto, a expansão das múltiplas leituras que procuram superar os limites das mais avançadas narrativas lopistas. Estudos que, a partir de rigorosa aplicação dos métodos historiográficos e exaustiva análise das múltiplas fontes disponíveis, realizem interpretações que se coloquem na ótica das classes camponesas, trabalhadoras e populares do Paraguai e dos países envolvidos no conflito, de ontem e de hoje. Segmentos sociais interessados em desvelar os sentidos profundos dos sucessos históricos que levaram e materializaram a grande hecatombe de 1864-1870.

crítica de las corrientes ideológicas argentinas. Revolucionários, nacionalistas y liberales. 1806-1898. Rosário: Fundación A. Ross, 2013;

⁷¹ PEÑA, Milcíades. *Historia del pueblo argentino*. Buenos Aires: Emecé, 2012. 552 pp; RIVERA, Enrique. *José Hernández y la guerra del Paraguay*. Buenos Aires: ed. Colihue, 2007. 96 P.

⁷² QUEIRÓZ, Silvana de. *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai de J.J. Chiavenato*. Universidade de Passo Fundo. Instituto de Ciências humanas. Programa de pós-graduação em História. Passo Fundo: 2010.